

A SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CONTEXTO DE UM PROJETO SOCIAL DE TÊNIS

André Lazzari¹

Luís Eduardo Cunha Thomassin²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender de que forma a participação de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social esportivo pode refletir nos seus processos de socialização. Realizamos observação participante no contexto do projeto, bem como nas atividades desenvolvidas na escola, na vila. As características apresentadas pelas crianças parecem sugerir que aquilo que pode parecer um resultado da ação do projeto, pode ser ao mesmo tempo, algum tipo de pré-condição já trazida de outras experiências socializadoras.

Palavras-chaves: Crianças; Socialização; Projetos Sociais; Esporte

Abstract

This work has like aim to comprehend how is the way the participation of children and teenagers in the sport social project can reflect their socialization process. Was realized the participating observation in this project context, as well in all developed activities in school and Village too. The attributes presented by children arises of the results of this project's action and it can be the same time, any kind of precondition then brought from others sociable experiences.

Keywords: Children; Socialization; Social Process; Sport

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender de que forma la participación de niños y adolescentes en el contexto de un proyecto social deportivo puede reflejarse en sus procesos de socialización. Realizamos observación participante en el contexto del proyecto, bien como en las actividades desarrolladas en la escuela, en la villa. Las características presentadas por los niños parecen sugerir que aquello que puede parecer un resultado de la acción del proyecto, puede ser al mismo tiempo, algún tipo de pre-condición que ya traen de otras experiencias socializadoras.

Palabras-claves: Niños; Socialización; Proyectos Sociales; Deporte

1. INTRODUÇÃO

Ao esporte tem recaído a função de auxiliar no enfrentamento de problemas sociais vividos por indivíduos pobres provenientes de comunidades carentes. Somos interpelados por discursos de que tais problemas poderiam ser resolvidos através da prática esportiva.

¹ Licenciado em Educação Física, Esec/UFRGS.

² Doutorando do PPGCMH/UFRGS, Professor do Curso de Gestão Desportiva e do Lazer da UFPR-Setor Litoral.

Assim, pelo crescente número de projetos sociais criados nos últimos anos, mas também pela pretensa justificativa “salvacionista” é que propusemos desenvolver um estudo sobre o processo de socialização de jovens no contexto de um projeto social que fosse fundamentalmente esportivo.

O projeto envolve a prática do tênis, direcionado a crianças com idade entre 7 e 14 anos oriundas da rede municipal de ensino, residentes de um bairro da periferia de Porto Alegre. Este projeto busca ser “referência no desenvolvimento da cidadania de crianças e adolescentes consideradas em situação de vulnerabilidade social” e, para isso, vale-se do esporte como um “meio”, uma “ferramenta”, e o objetivo é o desenvolvimento “total da criança, no resgate a valores de vida como: afetividade, comprometimento, disciplina, respeito, responsabilidade, auto-estima e relacionamento” (PROJETO DE TÊNIS, 2009)³.

Diante das expectativas deste projeto, o objetivo deste trabalho foi compreender de que forma a participação de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social esportivo pode refletir nos seus processos de socialização⁴.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo, buscou-se uma aproximação com a perspectiva antropológica de investigação na intenção de abordar questões *em profundidade* (WINKIN, 1998) e de imergir na realidade do projeto de tênis.

Os interlocutores da pesquisa foram às crianças que participavam do projeto. As aulas ocorriam na frequência de duas vezes por semana, das onze às doze horas da manhã, não com menos de 20 alunos. Destes, 8 foram observados desenvolvendo atividades no ambiente escolar, na vila.

Para tanto, passamos a registrar as atividades e a sequência dos acontecimentos em um *diário de campo* e a coletar informações pela *observação participante* que consiste “na vivência do investigador, por um longo período, no contexto em que se pretende investigar” (STIGGER, 2007, p.39).

As observações desenvolveram-se no período de maio a outubro de 2009, foram 28 aulas observadas dentro do projeto de tênis e 15 observações no âmbito da escola e da vila. Em seguida, realizamos entrevistas semi-estruturadas com as crianças. Também foi feita uma análise de documentos relativos ao projeto, quanto as suas convicções, metas e objetivos.

3. ESPAÇOS DE/E SOCIALIZAÇÃO

³ Embora estas expressões tenham sido colocadas no texto entre aspas, não vamos referir o nome do projeto, nem à fonte bibliográfica, pois isso comprometeria o anonimato do projeto claramente considerado neste estudo.

⁴ Este estudo foi desenvolvido como parte de um trabalho de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), a respeito dos projetos sociais esportivos, infância e pobreza (THOMASSIM, 2006). Faz parte, também, das atividades do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS).

A socialização é compreendida, neste estudo, como “a transmissão e assimilação de padrões de comportamento, normas, valores e crenças, bem como o desenvolvimento de atitudes e sentimentos coletivos pela comunicação simbólica” (VILA NOVA, 2000, p. 48).

De uma forma geral, este processo se dá dentro das diferenças que cada sociedade ou grupo de indivíduos apresenta, isto é, se a socialização é o aprendizado de condutas socialmente estabelecidas, é preciso considerar que o universo social das crianças pode ser constituído por várias instituições e espaços formais e informais os quais podem variar as condutas, normas e comportamentos que são valorizados.

Portanto, levando estas discussões sobre espaços de socialização, é adequado que esta pesquisa, ao querer compreender um projeto social de esporte em específico, leve em conta que *as experiências destas crianças também se desenvolvem concomitantemente em outros contextos que compõe o seu universo social.*

4. AS CRIANÇAS NA VILA, NA ESCOLA E NO PROJETO

A escola na qual às crianças estudam está localizada em uma vila de classe popular, num bairro da periferia de Porto Alegre. Esta vila é conhecida como uma das mais pobres da região, estando entre os doze bairros⁵ com os piores índices de vulnerabilidade social, segundo dados da PMPA.

A vila possui uma geografia muito peculiar, algumas casas situam-se em vielas estreitas. As ruas - algumas estreitas - apresentam grande circulação de adultos e crianças durante o dia. Praças, campos de futebol são também outros exemplos de espaços frequentados diariamente.

Estas características podem ser representadas de acordo com dados referentes à ocupação espacial e demográfica da *vila referida*⁶. Esta região apresenta uma população total de 18.828 indivíduos instalada numa área de 0,86 km². Tem, portanto, uma elevada densidade demográfica com 21.771,1 indivíduos, o que incide num número considerável de 4.697 domicílios.

Se por um lado os dados expostos acima representam uma grande concentração de pessoas naquele espaço, por outro, as famílias que lá residem mantêm-se muito próximas umas das outras. Diante disso afloram momentos para muitas brincadeiras entre as crianças que, como sugere Fonseca (2002) estas brincadeiras e jogos são “incrustados na ecologia do lugar” (p.27). Isto fica evidente na fala de algumas delas: “ah, eu gosto de brincar de esconde-esconde, de andar de bicicleta, de conversar com os amigos (Maria Clara⁷, entrevista, 14/10/09). “Eu jogo bolita, jogo bola, ando de bicicleta na praçinha, no campo” (Diego, entrevista, 14/10/09).

As crianças vivenciavam também outras atividades pedagógicas, lúdicas e esportivas no espaço escolar, fora do turno de aula curricular. Nas aulas lúdicas, por

⁵ Dados obtidos em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/> - (OBSERVATÓRIO DE PORTO ALEGRE, 2009).

⁶ Os dados apresentados referem-se aos números não só da vila onde a maioria das crianças são provenientes, mas também fazem parte da composição destes índices, outras duas vilas vizinhas pertencentes a este mesmo bairro. Adaptado de Thomassim (2009).

⁷ Para preservar a identidade das pessoas que dispuseram-se a participar deste estudo, os seus nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios.

exemplo, eram desenvolvidas atividades relacionadas à dança, realização de coreografias e desfiles.

No que se refere às aulas do projeto, são sempre *conduzidas* pelos seus professores e notadamente apresentam a mesma sequência (chamadas, horários, estrutura da aula) o que sugere a ideia de um envolvimento constante dos alunos. As crianças ficam com pouco *espaço/tempo* para dispersarem-se, ou seja, permanecem *envolvidas* nos exercícios propostos com raros momentos para *interações livres*.

As características encontradas em relação às práticas do projeto de tênis permitem entender que o comportamento das crianças dentro das atividades, aparentemente, parece corresponder aquilo que é esperado pelo projeto. No entanto, na perspectiva deste trabalho, isto pode ser considerado um resultado do projeto?

5. “COMPORTAMENTOS ADEQUADOS”: ISSO É UM RESULTADO DO PROJETO?

A seguir, buscar-se-á apresentar três reflexões suscitadas a partir de novos dados coletados junto às crianças e ao projeto. Dados esses, que vão caracterizar e fundamentar com mais propriedade o projeto social estudado, como também o seu público alvo.

5.1 Que crianças são essas? Como chegam até o projeto?

Um dos critérios para a inscrição no projeto é a obrigação de os alunos estarem matriculados em uma escola. Todos os alunos que o freqüentam estão matriculados e desenvolvendo regularmente atividades pedagógicas e educacionais. As vagas são preenchidas dentro de percentuais pré-estabelecidos pelo programa baseando-se no histórico dos alunos. Este aspecto aparece tanto na fala dos professores do projeto, quanto na da professora responsável por intermediar as relações entre a escola e o projeto. Esta última afirma: “o maior percentual de alunos que entram tem bons comportamentos e a menor cota é dos que tem histórico de problemas” (Karla, entrevista, 14/10/09).

Outra questão está o caráter da não obrigatoriedade da participação dos alunos no âmbito do projeto. Todos os alunos que são encaminhados têm o claro interesse em participar das suas práticas. Na fala de um dos alunos: “foi à professora Leda de tanto que eu a incomodava. Professora eu quero entrar no tênis! Daí um dia ela resolveu me colocar. Ih, têm tantos colegas na minha escola que não vão e que querem entrar” (Diego, entrevista, 23/10/09).

A relação idade/série foi outro aspecto significativo que os dados apontaram. Praticamente todas as crianças da turma observada estavam (e estão) em dia com as suas obrigações escolares, havendo uma correspondência entre as séries e aquilo que seria cronologicamente aceitável sob do ponto de vista de suas idades.

De acordo com estes dados, é possível concluir que as crianças do projeto social de tênis apresentam um conjunto de características ao chegarem no programa. Entretanto, se considerarmos que os “bons comportamentos” são reflexo da participação delas no projeto, às custas de que “comportam-se adequadamente”?

5.2 E se isso for um resultado? Às custas de quê “comportam-se adequadamente”?

No início de cada mês os professores apresentam dados referentes à frequência efetiva e geral⁸ da turma, casos de indisciplina, atrasos, etc.

Além disso, para conquistar benefícios (como por exemplo: a camiseta) torna-se necessário apresentar posturas consideradas adequadas pelo projeto. Os alunos ganham a camiseta depois de algum tempo de plena participação. A professora da escola das crianças aborda essa questão: “o que eu acho importante que o projeto trabalha é que os alunos têm que conquistar as coisas, tem que batalhar pra conseguir”. Não ganham nada de “mão beijada” (Karla, entrevista, 14/10/09).

Outra situação significativa que ocorre no âmbito do projeto é a escolha do líder do mês⁹. Essa escolha é baseada em quatro critérios, a saber: *frequência efetiva nas aulas, violação de regras, indisciplina e atrasos*. Esses critérios, assim como à violação de regras segundo o professor Alex, são definidos pelos próprios alunos e são considerados relevantes pelo projeto devendo ser tratados com atenção por parte dos alunos. Eis alguns exemplos: os alunos não devem frequentar às aulas sem a camiseta do projeto¹⁰, não devem comer no local das aulas, etc..

5.3 Ao terem “comportamentos adequados”, há incorporação?

A competição interna, realizada no referido núcleo, é baseada nos jogos da amizade (valores olímpicos) e fica evidente o que os professores esperam dela, podendo-se resumir na fala do professor Alex: “os alunos têm que ajudar uns aos outros, é preciso haver cooperação” (Diário de campo, 23/09/09). No entanto, iniciada esta competição o líder da turma protagonizou a seguinte situação: “A cada ponto que o Diego fazia, gritava em alto e bom tom “feitoooo”, “pegaaa”, deixando bem claro que era ele quem estava ganhando. Fabrício seguia no jogo apenas ouvindo, sem esboçar qualquer reação” (Diário de campo, 14/10/09).

Acompanhamos também os alunos tanto nos deslocamentos de ônibus até o projeto, quanto nas aulas lúdicas que eram disponibilizadas às crianças via outro programa no contexto escolar. Em ambas as ocasiões, constatamos desentendimentos, discussões e até mesmo troca de agressões entre os alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados junto ao projeto, bem como na vila e na escola nos permitem entender que esse processo de incorporação de condutas e valores na prática não se estabelece de forma linear e direta, mas se dá no interagir, no dialogar com diferentes contextos sendo que as crianças não são passivas nos seus processos de aprendizagem.

⁸ A frequência efetiva refere-se à participação real do aluno dentro das aulas. No entanto, a frequência geral corresponde tanto na presença efetiva nas atividades como também nas faltas justificadas.

⁹ O líder do mês deve auxiliar os demais colegas nas atividades durante as aulas, bem como conscientizá-los a não infringirem nenhum dos quatro critérios definidos para a escolha do próprio líder, pois os mesmos servem também para avaliar a turma dentro do projeto social de tênis como um todo.

¹⁰ Regra válida para os alunos que já têm a camiseta.

Trata-se, portanto, não de negar a hipótese de que as pessoas possam ser educadas ao vivenciar atividades como as disponibilizadas pelo projeto social em questão ou qualquer outro programa, mas de levar em conta a complexidade envolvida na transferência de aprendizagens de um contexto para outro.

Este olhar pode nos sensibilizar a observar e analisar de forma diferente as intervenções realizadas por projetos que buscam propor certos valores e formas de agir que julgam positivas.

Neste caso, aquilo que pode parecer um resultado da ação do projeto (“uma boa conduta”, por exemplo), pode ser ao mesmo tempo, algum tipo de pré-condição já trazida pelas crianças de outras experiências socializadoras, como por exemplo, da escola, da família, da vila, de seu bairro, etc..

Com essas considerações, não foi o propósito julgar ou questionar as ações do programa no que se refere aos objetivos e metas (aquilo que é visto como positivo), mas de refletir e colocar em debate as relações simplistas de causa-efeito nestas experiências com as crianças.

7. REFERÊNCIAS

FONSECA, Claudia. **Caminhos da adoção**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

OBSERVATÓRIO DE PORTO ALEGRE

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p_secao=91 Acessado em 14/09/09.

PROJETO DE TÊNIS. **Apresentação visual**. 10 jun. 2009. Enviado às 22h15min. Mensagem recebida por: André Lazzari (andre_lazzari@yahoo.com.br).

STIGGER, Marco Paulo. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico metodológicos e pesquisa de campo. In: **O Esporte na cidade: Estudos Etnográficos Sobre Sociabilidades em Espaços Urbanos**. STIGGER, Marco Paulo GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel (Orgs.). – 2º ed. – Porto Alegre: Editora da ufrgs, 2007. p. 31-50.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. Uma alternativa metodológica para análise dos projetos sociais esportivos. In: **XVIII ENAREL**, 2006, Curitiba. Anais do XVIII ENAREL. Curitiba: PUCPR, 2006.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. **Oferta e participação em projetos sociais esportivos: pesquisa com crianças do bairro Bom Jesus. Relatório parcial**. Porto Alegre: GESEF 2009.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus. 1998. p. 129-145.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia**. 5. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2000.

CONTATO: André Lazzari
andre_lazzari@yahoo.com.br